

A peregrinação desmistificada:

Fernão Mendes Pinto, Augusto Abelaira e Mário Cláudio

Lélia Parreira Duarte (UFMG)

De repente, olhando para mim, sinto um grande vazio. Como se eu não existisse, como se nada pudesse dar, precisamente porque não existo. Dolorosamente.

ABELAIRA, **O bosque harmonioso**, p. 60.

Quero inicialmente agradecer à comissão organizadora deste evento o convite para tratar do tema da peregrinação, nesta justa homenagem ao insigne peregrino que foi Jorge de Sena. E começo por lembrar duas obras importantes que tratam positivamente o tema: **Os Lusíadas**, em seu bem elaborado louvor épico de bravos navegadores, e **O bosque deleitoso**, que segue na esteira de Petrarca e, em seu humanismo religioso, faz apologia da vida mística, ao acompanhar a alma e seu anjo da guarda na dificultosa subida do monte da contemplação.

Não me ocuparei diretamente, aqui, dessas duas obras, que tratam – de forma encomiástica, pragmática e certamente pedagógica –, de poderes terrenos e de glórias espirituais. Porque o meu objetivo é falar de peregrinações que, bem ao gosto de Jorge de Sena, ironizam e desmistificam esse tipo de certeza, por contestar, inverter, subverter ou esvaziar modelos, grandezas e ensinamentos, glórias e eternidades. Para assim elaborar testemunhos que falam do abjeto – de negatividades e vazios –, com aquela perspectiva crítica e desmistificadora que encontra maneiras de driblar o discurso ideológico, em sua função de reprimir questões. Nas três obras de que tratarei multiplicam-se perspectivas críticas e ambiguidades: por um lado, porque esses textos falam ironicamente das viagens e das conquistas portuguesas, vendo de forma crítica projetos que supostamente resolveriam problemas como o da exiguidade de terras em Portugal, sua necessidade de produtos e de riquezas ou o seu desejo de salvar almas pela evangelização. Por outro lado, porque esses testemunhos misturam percepções objetivas com o estranhamento de poderes sobrenaturais e crenças míticas; montando representações fantasmagóricas que parecem remanescentes do medievalismo e indicam o que Ettore Finazzi-Agró chama de um “dever ético ou um desejo demasiadamente humano: o de chegar a entender e a transmitir o mistério da Morte”. (AGRÓ, 2009, p. 10) E, enfim, porque esses elementos mostram a impossibilidade de separar os conceitos de verdade e mentira, remetendo à questão do jogo entre o que Costa Lima chama de ficção externa e ficção interna e que funciona para privilegiar o diálogo do faz de conta. (LIMA, 2009, p. 54) Exibe-se, assim, o caráter ficcional e performático desses textos que reconhecem a necessidade de lidar com a memória traumática de um passado que está configurado como angústia e medo, frustração, vazio e

morte, e lembram que a plenitude da linguagem (a sua vida) reside afinal nela mesma, pois o eu é um outro, apenas um ser da falta, como enfatizam Blanchot e Manuel Gusmão¹.

Pretendo, então, falar da **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto, publicada em 1614 (30 anos após a morte do autor, embora tenha sido terminada em 1580, logo depois de **Os Lusíadas**, de 1572, sendo certamente significativa essa demora na publicação)²; falarei ainda dos romances **O bosque harmonioso**, publicado por Augusto Abelaira em 1982, e de **Peregrinação de Barnabé das Índias**, de Mário Cláudio, de 1998. São três narrativas que relatam peregrinações e desmascaram os objetivos predadores das viagens “evangelizadoras”, camufladamente apresentando severas críticas ao “heroísmo” dos viajantes e ao seu “natural” destino de dominação e permanência. Esses três textos testemunham, assim, experiências tão radicais e traumáticas que são até colocadas em dúvida, “deixando que a evidência da morte fale por si mesma, na sua nua e silenciosa verdade”, como diz Ettore no citado texto, que é o de apresentação ao terceiro livro do grupo “De Orfeu e de Perséfone”, intitulado: **A escrita da finitude** (AGRÓ, 2009, p. 10).

Diferentemente da perspectiva religiosa e positiva de **Os Lusíadas** e de **O boosco deleitoso**, o ponto de vista dessas outras peregrinações coloca em dúvida o projeto das viagens, discutindo, especialmente, a coragem e honestidade dos “heróis assinalados” e a sinceridade de suas intenções evangelizadoras. Acentuam para isso o poder de uma escrita que é veneno e remédio e revela a ausência de si mesmo que o escrever fatalmente comporta, pois se configura como passagem, textualidade a ser completada pela recepção.

Se em **Os Lusíadas** os heróis são revestidos de coragem e determinação, a **Peregrinação** de Mendes Pinto apresenta em seu narrador um não-herói e em António de Faria um anti-herói. Já **O bosque harmonioso** traz um narrador que se diz indeciso, preguiçoso e não confiável, que afirma sentir os limites de sua capacidade de representação e se mostra pronto a alterar documentos e a tirar partido dos acasos que lhe trazem textos com que pensa realizar-se, fazendo o seu desejado livro. E a **Peregrinação de Barnabé das Índias** traz no centro de sua narrativa o Barnabé – um modesto judeu que faz oscilar os alicerces em que se assentam os relatos tradicionais das viagens, mostrando que interesses não revelados impulsionam muito mais que o cristianismo os grandes feitos, cujas bases estão antes no desejo de poder e/ou no medo que na coragem. Mário Cláudio retira assim de Vasco da Gama o heroísmo com que o coroara Camões, vendo-o como fraco, medroso e dependente, e aproximando-o mesmo do capitão impiedoso e desadaptado que é desnudado na biografia feita por Geneviève Bouchon.

Em seu caráter parodístico, essas três obras certamente reverenciam os textos parodiados. Diferentemente, porém, daquele tom religioso, laudatório e grandiloquente, o “canto paralelo” dessas três obras se faz numa prosa satírica de tom picaresco que, buscando eficácia, nega ironicamente os próprios abjeção e testemunho com que se elabora.

¹ Manuel Gusmão discute as perspectivas de Roland Barthes e de Michel Foucault sobre “A morte do autor” e, analisando o poema de Fernando Pessoa “O poeta é um fingidor”, mostra que a alteridade é constitutiva da identidade e que o texto é uma solidão povoada por vozes. (Cf. GUSMÃO, 2001).

² Na época das comemorações dos 500 anos da chegada oficial dos portugueses às terras brasileiras, publiquei na revista **Veredas** (2000) uma comparação entre **Os Lusíadas** e a **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto.

Por isso mesmo, as três narrativas mostram de várias formas a sua natureza de relatos construídos: um exemplo é o fantástico que se exhibe como fantástico: na **Peregrinação** ele aparece na forma de um milhano salvador, que traz aos portugueses famintos e doentes um peixe, indicando-lhes dessa maneira onde encontrariam comida, inclusive um veado que acabara de ser degolado por um tigre (!). Em **O bosque harmonioso**, o fantástico aparece na viagem dos navegantes à lua, no encontro dos macacos que falam através de peças de ouro, e na salvação de Cristóvão Borralho que, acusado de práticas judaizantes, é condenado à fogueira e consegue salvar-se, milagrosamente:

E quando as labaredas lhe incendiavam a roupa, a multidão assistiu assombrada a esta cena: Borralho tirou de dentro do sambenito um balão de papel, desembulhou-o, o ar quente encheu-o e, agarrado a ele, ergueu-se nos ares, desaparecendo entre as nuvens. (ABELAIRA, 1982, p. 107-8)

Na **Peregrinação de Barnabé das Índias**, um exemplo do fantástico poderia ser visto, de início, na figura de Barnabé, um judeu camuflado, que de humilde e obscuro passa a figura de poderes extraordinários. Esses poderes parecem entretanto tão obscuros quanto os da sua escolha para participar da viagem de Vasco da Gama, ou para viver a extraordinária relação sexual em que se envolve com a desconhecida mascarada de argolas de marfim nos tornozelos; ou ainda para a sua figuração de um novo Moisés, dirigente e/ou salvador de um povo. (CLAÚDIO, 1998, p. 245) O fantástico estaria também no anjo que se identifica com o São Rafael da proa do barco e que por duas vezes salva Barnabé da morte, indicando-lhe futuros combates de que ele também sairia triunfante. O texto remeteria assim, como diz Dalva Calvão, “à idéia de iniciação, de mítica ultrapassagem de limites internos, para a possível abertura a outros reinos que não os materiais”. Mas indicaria também, como lembra a estudiosa, “a construção de uma outra travessia, em direção a um outro oriente (...), concretizando-se, porém, antes de tudo, como uma viagem na escrita e pela escrita”. (CALVÃO, 2008, p. 25)

Nas três obras os leitores encontram espetáculos de miséria humana, através de vozes que trazem informações sobre o Oriente, num tom ingênuo e ambíguo de quem supostamente não entende bem o que relata e numa “forma romanesca e sugestiva para espíritos pouco dados a leituras áridas”, como diz António José Saraiva, relativamente à obra de Mendes Pinto (1961, p. XI). Relembrem assim com leveza as contradições e negatividades de narradores e seus companheiros de viagem, numa perspectiva que diverge da adotada pelo poema épico, onde se vê “uma estilizada hipóstase colectiva do heróico em formas portuguesas”, numa abstração que “estrutura a mitologia de um povo”, segundo Luciana Stegagno Picchio (1983, p. 236)³. Além disso, contrariamente a **Os Lusíadas**, que têm um modelo organizacional renascentista e rígido, em seus 8816 decassílabos heróicos de oitava rima, bem planejados e racionalmente construídos, a essas peregrinações falta aparentemente um planejamento retórico e sedutor que pedagogicamente pudesse fornecer aos leitores conclusões e certezas apaziguadoras: apresentam eles, ao contrário, uma estrutura testemunhal e performática, que se nega no mesmo gesto com que se afirma, buscando eco no silêncio do outro, que é afinal quem lhe vai dar significação.

³ Vale lembrar aqui elementos de **Os Lusíadas** – por exemplo a presença do Poeta no texto – os quais colocam em dúvida o estrito classicismo do poema épico.

A **Peregrinação** constrói-se em 226 textos curtos de uma prosa cuja norma parece ser apenas a de uma pequena extensão, num discurso que muitas vezes se coloca como risível ou duvidoso, apesar de seu caráter sedutor de grande vivacidade narrativa⁴. Ressalte-se sobretudo a capacidade de observação de seu narrador⁵, que mescla ao que teria sido pessoalmente visto mitos de origem e explicações de posturas religiosas que lhe são relatados, numa indiferenciação muito comum nessa época em que era difícil a distinção entre o real e o imaginário. Assim, se o rigor de sua cronologia, a lógica dos acontecimentos e as suas descrições deixam muito a desejar, levando autores como Rodrigues Lapa a considerar a imaginação do narrador como “fértil em recursos, mas errante e um pouco desvairada” (LAPA, 1971), o realce dado ao que o surpreendia faz com que o seu relato muito informe sobre as hierarquias e práticas sociais e políticas das refinadas civilizações do Oriente na época.

Os excertos com que se constrói **O bosque harmonioso** são ainda de menor extensão e mais desordenados. Os relatos de viagens alternam-se com histórias contadas pelos viajantes, interrompidas a cada passo: ora por mudanças na direção do pensamento, ora por discussões sobre política, ora pelos comentários sobre as dificuldades de elaboração de um texto com o qual o narrador pretende conseguir reconhecimento e significação (com todo o sentido de riqueza e poder que isso pode indicar).

Revelando espelhadamente os artifícios de dominação, o narrador de **O bosque harmonioso** faz apropriações de textos, pois a sua obra seria uma tradução de um manuscrito encontrado, confessadamente feita sem capacidade e sem o necessário empenho. O autor do manuscrito seria conhecido através de uma biografia cujos dados não se confirmam, sugerindo-se que o narrador deixará de mencionar essa biografia incômoda, tornando-se um plagiário inconfesso ou o falsificador que ele mesmo menciona no excerto 110⁶.

Também as histórias encaixadas na narrativa indicam esse jogo de incertezas e possíveis enganos. É o que se pode ver, por exemplo, no encontro de Tareja e Afonso, em que, à moda do **Decameron** (realmente citado no contexto do romance), não se podem indicar sedutores e seduzidos, definindo-se apenas leitores despreparados para o jogo da sedução⁷. É o que se pode ver também na própria história do narrador com a personagem Irene, sendo questionáveis, na realidade, os vários amores que aparecem nos diferentes relatos encaixados no texto. Vejam-se nesse sentido Tareja e Afonso, o narrador e Irene, Cristóvão Borralho e Brites ou Leonor, António Gonçalves e Yen-fang, Xang Tu e sua mulher (que apresenta também a reversibilidade Deus e o diabo), Benildes e Aguinaldo,

⁴ Informações dizem que era corrente uma expressão quando se falava em Fernão Mendes Pinto: “Fernão, Mentos? Minto!”. Esse foi mesmo o título de peça teatral levada à cena, em Lisboa, na época do 4º. centenário de morte do autor.

⁵ Interessante observar que o posicionamento contrário de Mendes Pinto à ideologia das cruzadas fez com que vários autores suspeitassem de seu judaísmo, o que não foi entretanto comprovado.

⁶ Note-se que o narrador chama Voltaire de plagiário inconfesso, pois supostamente o escritor francês teria conhecido e plagiado a biografia de Cristóvão Borralho feita por Gaspar Barbosa.

⁷ No excerto 97 de **O bosque harmonioso**, o narrador aponta semelhanças entre narrativas presentes nos textos de Cristóvão Borralho e de Gaspar Barbosa: “o tom pertence à época, poderia multiplicar os exemplos em literaturas várias, e mergulha suas raízes no **Decameron**, salvo erro”. (ABELAIRA, 1982, p. 124)

Simão Montalegre e Aldegundes, e ainda o triângulo amoroso Leonardo da Vinci/Cristóvão Borralho e Francesca Bentivoglio. Provoca-se assim o desassossego (e o prazer) do leitor, impossibilitado entretanto de uma leitura informativa e conclusiva.

Além disso, **O bosque harmonioso** exhibe a série de apropriações de textos com que se constrói, revelando-se elaborado com uma sequência de escritas e leituras ou com narrativas orais intrigantes que passam de uns para outros: há um manuscrito em latim, uma biografia do autor do manuscrito, anotações feitas nesse manuscrito por um anotador, supostamente do século XVIII, além de apresentarem-se como leitores o narrador e a personagem Irene. **O bosque harmonioso** seria, portanto, mais que uma leitura de histórias, uma história de leituras (que incluem, entre outros, renovando-os, questionamentos éticos presentes em Fernão Mendes Pinto⁸, Bocaccio, Montesquieu, Voltaire, Rabelais, Swift, Jorge Luís Borges e Fernando Pessoa.

Já o texto da **Peregrinação de Barnabé das Índias** apresenta-se como um romance compacto, dividido em capítulos, cujos títulos não indicam o seu conteúdo, sugerindo ao leitor uma atitude que não poderá ser marcada pela passividade. O narrador constantemente semeia dúvidas quanto ao seu relato, exibindo o caráter de representação e de construção ficcional desse texto que toma como base acontecimentos históricos, onde se observam, entretanto, oscilações que comprometem a veracidade. Seu tom é de um sobrevivente que tenta, sem sucesso, conciliar regras de verossimilhança com os horrores narrados. Por isso mesmo remete, constantemente, para a observação de que seria difícil distinguir entre o que as personagens sonhavam e o que estariam observando. As dúvidas se acentuam pelas perspectivas que configuram os relatos como narrativas ficcionais e não como certezas, por estarem elas sempre envoltas num clima de lembranças confusas, de magia e de sonho. Isso fica mais evidente nos momentos em que Barnabé assume a narração, pois acentuam-se as incertezas desse narrador que nada ousa afirmar, como mostra o grande número de expressões que marcam a narrativa como exercício de linguagem e de ficção:

ouvira falar (...), corria que era cristão (...), afirmando que sim (...), presumia (...), se bem que não ousasse confessar esses pensamentos (...), o sota-piloto narrava-me; e desconheço se da minha inocência zombava o que semelhantes maravilhas me descrevia (...), a diversos prodígios aludia ele, e pelo geral, futuro eu, da sua pura fabricação, e é que tanto se gozava de os outros surpreender como de a si mesmo se embebedar com as fantasias que alinhavava (CLÁUDIO, 1998, p. 146 e 147).

Assim, em vários momentos, e pela voz de Barnabé, Mário Cláudio mostra a consciência de que narrações se sobrepõem a narrações e textos constroem-se intertextualmente, fazendo com que as incertezas fiquem ainda mais incertas e os testemunhos mais evidentes: se o romance relata a viagem de Vasco da Gama, exalta mais a figura de Paulo que a de Vasco, para colocar no final da narrativa, num diálogo em que fica mais claro o

⁸ Personagens comuns aproximam as duas obras: além de Cristóvão Borralho, Tomé Lobo e Mem Taborda, estão nelas António de Faria, o padre Ajuda e Brites, que se configura como objeto de desejo, e ainda o menino que coloca em questão o projeto evangelizador e os seus processos.

espelhamento entre os dois protagonistas – Vasco e Barnabé –, a grande dúvida: foi o chefe da armada – Vasco da Gama – ou foi o grumete Barnabé quem descobriu o caminho para as Índias?

A questão fundamenta-se inicialmente na relação de Vasco com seu irmão Paulo da Gama, lembrada no romance de Mário Cláudio: desde a infância e a juventude de ambos, a sua relação revela a fragilidade, a indecisão e o medo constante desse irmão mais novo – Vasco –, sempre protegido e orientado pelo mais velho – mais experiente e mais sábio – e que, por isso mesmo, deveria ter sido o comandante da empresa marítima. Reforça-se a dúvida pelo crescimento da personagem Barnabé, cujo itinerário decorre na sombra, mas cujo final mostra ter ido ele mais longe que qualquer outra personagem do livro, no plano do amadurecimento e da ascensão em busca da sabedoria. Barnabé confirma-se como figura principal da narrativa (dá-lhe até mesmo o título) e representa o povo, especialmente os judeus envolvidos com a aventura das navegações e dos descobrimentos. O próprio comandante reconhece no final do romance a importância dessa personagem, quando dialoga com o ex-grumete e lhe afirma ter sido ele, afinal, o descobridor do caminho para as Índias, deixando para o leitor extradiegético a dúvida: referir-se-ia Vasco da Gama à viagem real ou à ultrapassagem simbólica do cabo das tormentas – vista pelo bom judeu Barnabé como a travessia do Mar Vermelho? Isto é, a descoberta que Vasco da Gama menciona não seria a da sabedoria e tranquilidade adquiridas por Barnabé com a vitória sobre as dificuldades enfrentadas na viagem? (Barnabé arribou a Moçambique, mas “foi o império dos anjos que se lhe descerrou” (CLÁUDIO, 1998, p. 179).

Percebe-se portanto o caráter performático das três peregrinações, por serem elas fragmentadas, instáveis, mutantes, de caráter suplementar e auto-referencial, remetendo por isso ao provisório, à terceira margem e à representação que se confessa representação e não se fixa, portanto, no objetivo retórico de convencer, enganando ou iludindo. Essa perspectiva teria como base a ambiguidade e a polivalência linguística, já que não buscaria exteriorizar o que é interior para a psique do autor, mas ofereceria uma variedade de potenciais significados a serem atualizados pelo leitor.

A identidade disseminada através dessa construção performática não seria algo passível de ser interpretado ou traduzido, mas apenas comentado ou reescrito, especialmente porque essas narrativas alternam constantemente o foco narrativo: assumindo a descontinuidade e inerente outridade do eu, mostram como o sujeito (e a identidade – individual e da nação –), produz-se através da linguagem.

E assim as três peregrinações afirmam-se afinal como mosaico, reunião de fragmentos e estilhaços, espelhamentos de “outridades”, construções irônicas que diversificam perspectivas e discursos e assim confirmam a linguagem como força maior, capaz de construir identidades, impérios e poderes, ficções e (des)mistificações. Exibindo as contradições de eus que narram, esses textos tornam evidente a ansiedade de narradores que aliam o espírito da cruzada com o que Luiz Costa Lima, falando da **Peregrinação** de Mendes Pinto, chama de “a avidez de dizer em palavras a diversidade de um mundo sempre diverso e estranho” (LIMA, 1999, p. 5).

Os estranhamentos que esses textos apresentam ao leitor pedem a sua cumplicidade, pois acentuam o caráter de uma ficção que se elabora a partir de experiências e leituras, reforçando o seu caráter de uma escrita que se faz “desde o depois” e conta sempre com um leitor atento que possa desmascarar manobras e fingimentos do enunciado e da enunciação.

Valorizam eles assim a leitura e a criação: se falam de problemas e negatividades passados e presentes, tornam ao mesmo tempo evidente a importância de dizer em palavras a diversidade e o estranhamento, num performático inacabamento que solicita a cumplicidade do leitor. Fitando nos olhos a Górgona, podem assim testemunhar, com o auxílio do imaginário e bem à moda de Jorge de Sena, peregrinações que celebram a vida, por falar da morte sempre no porvir.

Referências

ABELAIRA, Augusto. **O bosque harmonioso**. Lisboa: Sá da Costa, 1982.

AGRÓ, Ettore Finazzi. Tertium datur. In: DUARTE, Lélia Parreira (Org.), **A escrita da finitude**: de Orfeu e de Perséfone. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009, p. 7-12.

ALVES, Maria Theresa Abelha. A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias. **Veredas** - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto, v. 3, n.2 , p. 441-418, 2000.

CALVÃO, Dalva. Viagem e morte em Peregrinação de Barnabé das Índias, de Mário Cláudio. In: **O Marrare** - Revista da Pós-Graduação em Lit. Port. da UERJ, v. 9, p. 21-29, 2008. Disponível em www.omarrare.uerj.br

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. (5 ed. org. por Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto Ed., [19--].

CATZ, Rebecca. **A sátira social de Fernão Mendes Pinto**. Lisboa: Prelo, 1978.

CATZ, Rebecca. **Fernão Mendes Pinto – Sátira e anti-cruzada na Peregrinação**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.

CLÁUDIO, Mário. **Peregrinação de Barnabé das Índias**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

DUARTE, Lélia Parreira. Em busca do sentido (im)possível: a construção irônica de **O bosque harmonioso**, de Augusto Abelaira. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986 (tese de doutorado).

DUARTE, Lélia Parreira. Os Lusíadas, de Camões, e a Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens? **Veredas** - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Porto, v. 3, n.1 , p. 67-73, 2000.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. Ir algures. A delimitação do ilimitado na literatura de viagens dos séculos XV e XVI. **Vértice**. Lisboa, 1988. p. 81-89.

LAPA, Rodrigues. Seleção, prefácio e notas. In: **Peregrinação**. 4. ed. Lisboa: Seara Nova, 1971.

LEPECKI, Maria Lúcia. O romance português contemporâneo na busca da história e da historicidade. In: **Le roman portugais contemporain. ACTES DU COLLOQUE**. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1984, p. 13-21.

LIMA, Francisco Ferreira de. Rumo aos encantos do mundo – o conceito de viagem na *Peregrinação*. In: **A cor das letras**. Revista do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Feira de Santana, n. 1, 1997, p. 79-93.

LIMA, Isabel Pires de. Crise de identidade ou ressaca imperial? **Prelo** n. 1. Lisboa, out./dez., 1983, p. 15-22.

LOURENÇO, Eduardo. Le Romantisme et Camoëns. In: **Nós e a Europa ou as duas razões**. Lisboa: INCM, 1990. p. 103-113.

MACEDO, Helder. A poética da verdade n'Os Lusíadas. In: _____ & GIL, Fernando. **Viagens do olhar: retrospectiva, visão e profecia no Renascimento português**. Porto: Campo das Letras, 1998. p. 121-141.

MARGARIDO, Alfredo. Fernão Mendes Pinto - um herói do quotidiano. In: **Colóquio/Letras**, n. 74, JUL. 1983, p. 23-28.

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinação**. Edição e adaptação de Maria Alberta Menéres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. 2 v.

REBELO, Luís de Sousa. Identidade nacional: as retóricas do seu discurso. In: **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 21-33.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal. In: **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 53-114.

SARAIVA, António José. Prefácio à **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1961.

SARAIVA, António José. **Fernão Mendes Pinto**. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1971.

SEIXO, Maria Alzira. A Peregrinação: da viagem ao romance. In: **Poéticas da viagem na literatura**. Lisboa: Cosmos, 1998. p. 143-150.

Publicado em *Metamorfoses 10.2*. Lisboa: Editorial Caminho; Rio de Janeiro: Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-afro-brasileiros/UFRJ, 2010, p. 123-132.